

A GUERRA DE TODOS CONTRA TODOS: A ANTROPOLOGIA EVOLUTIVA PODE EXPLICAR O ESTADO DE NATUREZA DE HOBBES?

FABRICIO BOSCOLO DEL VECCHIO¹;
CLÁUDIO ROBERTO COGO LEIVAS²

¹*Instituto de Filosofia, Sociologia e Política / Depto de Filosofia – fabricioboscolo@gmail.com*

²*Instituto de Filosofia, Sociologia e Política / Depto de Filosofia – lleivas@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Filosofia Política 2 tem o objetivo de desenvolver questões relacionadas aos principais filósofos contratualistas (Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau e John Locke) e avançar até a contemporaneidade. Especificamente quanto aos contratualistas, elevada atenção é dada à investigação do Estado de Natureza de acordo com os três contratualistas, sendo que Thomas Hobbes (1588 - 1679) merece lugar de destaque em função de sua antecedência. Em sua obra, o Leviatã (publicado em 1651) indica que o EN é uma condição hipotética em que não existe governo ou sociedade organizada, apenas indivíduos livres e iguais, movidos por seus próprios interesses e desejos, na qual as pessoas viveriam em um estado de guerra, de medo constante e risco de morte violenta (WOLFF, 2013), sendo que “a natureza humana conduzir-nos-ia”, inevitavelmente, ao conflito grave” (WOLFF, 2013).

Porém, como em um experimento mental e com um dedica processo reflexivo, ainda assim é complexo de se imaginar tal cenário de modo realista. Nesse sentido, a partir da oportunização da dinâmica de elaboração textual na disciplina de Filosofia Política 2, o objetivo do da atividade foi desvelar a possibilidade de existênciia do EN, a partir de investigações pgressas na área da Antropologia Evolutiva. Tal iniciativa foi deflagrada considerando o interesse de ponderar a manifestação do EN entre humanos em épocas primitivas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A disciplina, regularmente oferecida às quintas-feiras, no período noturno, contou com aulas expositivas e, então, possibilidade de elaboração de texto que versasse sobre tema de interesse discente. A partir do conjunto de materiais, empregou-se o método filosófico analítico para compreensão, análise da linguagem e dos conceitos para resolver o seguinte problema filosófico: Existem evidências empíricas do Estado de Natureza de Hobbes? Adicionalmente, a atividade considerou emprego do método filosófico experimental, o qual combina a investigação filosófica tradicional com a pesquisa empírica sistemática, transcende reflexões a priori, e busca dados empíricos para elucidar as intuições filosóficas (Alexander, 2012).

Para condução da atividade, no curso de Bacharelado em Filosofia, foram realizados os seguintes procedimentos:

- 1) **Registros em sala de aula, com anotações dos principais tópicos:**
Foram ministradas três aulas sobre Thomas Hobbes, as quais pontuaram as principais características do Estado de Natureza de acordo com o respectivo filósofo.
- 2) **Leitura de textos filosóficos indicados e relacionados à temática:** Além da leitura do livro Leviatã (HOBBES, 2019), foram objetos de estudo os livros

50 Pensadores Políticos Essenciais (ADAMS; DYSON, 2006) e Introdução à Filosofia Política (WOLFF, 2013), e;

- 3) **Pesquisa sobre Antropologia Evolutiva:** a partir dos descritores “*Evolutionary Anthropology*” AND *War*, nas bases de dados Pubmed, Scielo, Web of Science e EBSCO Host.

Após a busca nas diferentes bases de dados, considerando temática e pertinência, foram eleitos três artigos científicos que permitiram aprofundar o estudo do Estado de Natureza de Hobbes a partir de algumas evidências empíricas. São eles:

Moreno E. A war-prone tribe migrated out of Africa to populate the world. *Nat Prec* (2010). <https://doi.org/10.1038/npre.2010.4303.1>

Moreno E. The society of our "out of Africa" ancestors (I): The migrant warriors that colonized the world. *Commun Integr Biol.* 2011 Mar;4(2):163-70.

Moreno E. The "Out of Africa Tribe" (II): Paleolithic warriors with big canoes and protective weapons. *Commun Integr Biol.* 2013; 6(3):e24145.

Tais artigos foram produzidos pelo cientista Eduardo Moreno Lampaya, líder de grupo de pesquisa na Fundação Champalimaud em Lisboa, Portugal. Sua pesquisa se concentra em como as células detectam os níveis de aptidão de células vizinhas através de um "código molecular" chamado de "impressões digitais de fitness". Esse mecanismo permite o reconhecimento e a eliminação de células menos aptas, um processo conhecido como seleção celular.

A partir da leitura dos materiais identificados, indica-se que o Estado de Natureza, conforme concebido por Thomas Hobbes, permanece como um dos mais influentes experimentos mentais na história da filosofia política. Sua função primária não é a de um relato histórico preciso, mas de uma dedução lógica sobre a condição humana na ausência de um poder soberano comum, resultando em uma vida “solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta” (HOBBES, 2019, p.71). Essa construção hipotética, que fundamenta a necessidade do Leviatã, encontra interlocutor inesperado a partir da Antropologia Evolutiva.

Os estudos do biólogo Eduardo Moreno oferecem uma fonte de dados empíricos sobre a violência e a organização social de grupos de caçadores-coletores paleolíticos, utilizando método científico que correlaciona traços culturais, como a prática de lutas rituais e a propensão para a guerra, com as filogenias genéticas de DNA mitocondrial. Ao mapear comportamentos sobre as linhagens genéticas humanas, Moreno reconstrói a evolução de certas práticas culturais, abrindo vias para investigar as raízes do conflito humano (MORENO, 2010; MORENO, 2011).

Nesse sentido, os estudos de Moreno oferecem mais do que uma simples confirmação do pessimismo hobbesiano. Eles sugerem que a “guerra de todos contra todos” pode não ser condição inata e universal, mas uma “cultura da guerra” que emergiu historicamente e se tornou ecologicamente dominante com a migração de grupo genético específico (haplogrupo L3) para fora da África (MORENO, 2011). Essa perspectiva permitiu reexame do Estado de Natureza como fenômeno histórico e cultural, cujas causas, identificadas por Hobbes (competição, desconfiança e glória), encontram notável corroboração material e social nos dados

antropológicos evolutivos (MORENO, 2010). Ao analisar as evidências de uma transição de sociedades caçadoras para guerreiras, a invenção de armas defensivas e as taxas de mortalidade violenta, sugere-se que o Estado de Natureza de Hobbes adquire plausibilidade histórica.

Isso ocorre pois a análise dos dados etnográficos e genéticos apresentados por Moreno revela distinção no comportamento social das linhagens humanas mais antigas. Os grupos de caçadores-coletores que pertencem aos haplogrupos mitocondriais L0, L1 e L2, os quais permaneceram majoritariamente na África, exibiam modo de vida notavelmente pacífico, servindo de contraponto ao estado de guerra hobbesiano. Por exemplo, os !Kung (haplogrupo L0) não possuem cultura de lutas ritualizadas, preferindo passatempos como dança e contação de histórias, sendo que os conflitos entre eles são normalmente amenizados com humor ou simplesmente evitando o contato. De forma semelhante, diversos grupos de pigmeus pertencentes ao haplogrupo L1, como os Aka, Efé e Baka, assim como os Hadza, compartilham traços culturais pacíficos, e seus rituais giram em torno de música e dança, sem lutas envolvidas. Em caso de conflito, todos os portadores do mtDNA L1 parecem preferir se afastar em vez de lutar. O mesmo padrão é observado nos Mbuti (haplogrupo L2), que constituem uma sociedade pacífica sem evidências arqueológicas de guerra, na qual os conflitos são ridicularizados e piadas são usadas para aliviar as tensões.

Em contrapartida, o haplogrupo L3, o qual apresenta rituais de guerra e resolução de conflitos a partir de assassinatos ou suicídios, tem características substancialmente diferentes dos haplogrupos L0 a L2. A linhagem genética que marca virada fundamental na história da violência humana, segundo os estudos de Eduardo Moreno, é o haplogrupo mitocondrial L3. Os descendentes deste grupo, que se espalharam pelo mundo, carregam consigo uma “cultura mais beligerante” que se torna nítida quando contrastada com as linhagens mais antigas que permaneceram majoritariamente na África. Grupos como os !Kung (L0), Hadza (L1) e Mbuti (L2) apresentam um modo de vida notavelmente pacífico. Por exemplo, contrastam as taxas de 3% de mortes violentas entre !Kung (L0) e Hadza (L1) com os 30% dos Hiwi (L3) e os impressionantes 55% dos Aché (L3). A emergência do haplogrupo L3 coincide com o que MORENO (2010) descreve como uma grande transição cultural para a guerra, ocorrida entre 90.000 e 70.000 anos atrás. Assim, a cultura da violência parece ser independente do ambiente, manifestando-se em climas que vão desde os trópicos até o ártico, o que sugere que não é uma mera adaptação local (MORENO, 2011; MORENO, 2013).

O mais contundente substrato quantitativo para a condição hobbesiana de uma vida "brutal e curta" reside nos dados de mortalidade compilados por Moreno, que fornecem uma imagem clara do custo existencial dessa "cultura da guerra" (MORENO, 2011). Essa evidência empírica transforma a premissa de Hobbes em uma realidade estatística. O medo da morte violenta deixa de ser um postulado filosófico sobre a natureza humana para se tornar probabilidade concreta, conferindo peso imenso à paixão que Hobbes identificou como motor primordial da política: o medo que compele os indivíduos a renunciarem à sua liberdade natural em troca da segurança oferecida pelo soberano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese de Moreno, de uma cultura de guerra, culmina na ideia de que o pequeno grupo que migrou para fora da África, pertencente à linhagem L3, já possuía uma "cultura da guerra" plenamente desenvolvida, que se assemelharia à

ideia da “Guerra de Todos contra Todos” de Thomas Hobbes. Isso não foi apenas um traço comportamental, mas uma “vantagem competitiva” decisiva, transformando seus portadores em “supercompetidores” capazes de deslocar e substituir outras populações, como os Neandertais.

Portanto, o Estado de Natureza hobbesiano, quando lido através desta lente, deixa de ser a condição de *toda* a humanidade primitiva. Em vez disso, ele passa a descrever, com precisão a condição cultural específica da linhagem humana que prevaleceu e se expandiu globalmente, levando consigo um modelo de organização social baseado na guerra que viria a moldar profundamente a história subsequente do planeta.

4. REFERÊNCIAS

ADAMS, I; DYSON, R. W. **50 Pensadores Políticos Essenciais**. São Paulo: Bertrand, 2006.

ALEXANDER, J. **Experimental Philosophy: An Introduction**. Cambridge: Polity Books, 2012.

HOBBES, T. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

MORENO, E. A war-prone tribe migrated out of Africa to populate the world. **Nature Precedings**, n.13, p.1-19, 2010.

MORENO, E. The society of our "out of Africa" ancestors (I): The migrant warriors that colonized the world. **Communicative & integrative biology**, v.4, n.2, p. 163-170, 2011.

MORENO, E. The "Out of Africa Tribe" (II): Paleolithic warriors with big canoes and protective weapons. **Communicative & integrative biology**, v.6, n. 3: e24145, 2013.

WOLFF, J. **Introdução à Filosofia Política**. Lisboa: Gradiva, 2013.